

**OS DIÁRIOS DIZEM MAIS DO QUE PRETENDEM DIZER:  
O CASO LIMA BARRETO<sup>1</sup>**

*Marcio Jean Fialho de Sousa\**

*Ilca Viera de Oliveira\*\**

**RESUMO:** Mais que um simples registro de cabeceira, os diários barretianos contribuem para uma melhor compreensão do autor Lima Barreto cidadão, afrodescendente do início do século XX. Em seus diários é possível acompanhar seu processo de autoconhecimento, mas também é dado a conhecer um Rio de Janeiro deficiente e herdeiro dos preconceitos do período escravocrata. Desse modo, o objetivo deste estudo é analisar como a escrita autobiográfica de Lima Barreto pode contribuir com o processo de autoconhecimento do autor e, além disso, identificar as contribuições desses escritos para a compreensão de questões latentes no início do século XX, tais como o racismo, preconceitos e relações de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diários; Lima Barreto; Autoconhecimento; Afro-brasileiro; Racismo.

### **Introdução**

A contribuição de Lima Barreto à literatura brasileira deu-se por caminho diverso ao que o público e a crítica estavam acostumados a encontrar em textos quase que com estilos padronizados, com temas específicos e em gêneros recorrentes nas publicações da

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida durante estágio de pós-doutoramento.

\* Doutor e Mestre em Letras, na área de Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (Usp). Pós-doutor em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP). Docente na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

\*\* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora titular da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

época. De fato, Afonso Henriques de Lima Barreto foi, muitas vezes, incompreendido em suas obras, por causa do estilo discursivo empregado em seus textos e, também por isso, optava pelo isolamento, porém sem deixar de buscar uma autocompreensão crítica. Por isso, a escrita sempre foi para o autor de *O cemitério dos vivos* uma grande aliada em seu processo de reconhecimento de si, tal qual uma companheira e confidente nos momentos em que passava por solidão. Era no exercício da escrita que Lima Barreto expressava suas angústias, sua revolta e sua insatisfação frente a uma sociedade classista e elitista, carregada dos estigmas do regime escravocrata que ainda ecoava na cultura brasileira recém liberta dos grilhões oficiais da escravidão.

Mediante a isso, o objetivo deste estudo é analisar como a escrita autobiográfica de Lima Barreto pode, de certa forma, ter contribuído para o processo de autoconhecimento do autor e, além disso, identificar as contribuições desses escritos para a compreensão de questões latentes no início do século XX, tais como o racismo, preconceitos e relações de poder, vista a proximidade dos eventos históricos das lutas dos negros finisseculares e da oficial publicação da abolição da escravatura.

Sendo assim, nos textos de *Diário Íntimo* e em *Diário do Hospício* são produções em que mais se encontram os retratos de um Rio de Janeiro que perpetuava valores expressos pelas aparências, carência de justiça social e de descaso para com “loucos” em tratamento, a partir das experiências vivenciadas por Lima Barreto. Em *Diário Íntimo*, anos de reflexão são registrados, de 1900 a 1921. Nesse ínterim, as angústias do ainda menino Afonso vão dando lugar a novos desafios, a revoltas e a incompreensões que a vida não pode dar respostas.

No *Diário do Hospício*, escrito durante sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, o leitor depara-se com um homem retirado de seu convívio social, sendo, violentamente, inserido em um lugar rude, confinado, tendo o autor plena consciência de tudo o que estava acontecendo com ele. Por meio de sua escrita, Lima Barreto observa, denuncia e apresenta ao seu público as condições reais da internação dos pacientes e suas impressões críticas acerca dos tratamentos recebidos.

Com os diários, o autor é capaz de congelar o momento, o agora, as percepções e, por isso, a escrita tende a ser mais livre de padrões, visto que, recorrentemente, a escrita se concretiza quase que concomitantemente ao momento do fato ocorrido. Assim, a escrita preocupada com padrões estruturais, sintáticos e morfológicos são colocados em segundo plano, dando espaço à espontaneidade, à fruição e ao descarrego de emoções.

Deste modo, a escrita de si, por meios dos gêneros autobiográficos, aqui, amis especificamente os diários, tornam-se também registro da história, da cultura e de perspectivas ideológicas. Por outro lado, ao autor, é possível passar por um processo de amadurecimento humano, ou seja, será possível perceber o quanto suas ideias são modificadas e amadurecidas com o passar do tempo e o quanto suas primeiras angústias podem tornarem-se obsoletas mediante aos novos desafios a serem enfrentados.

Como afirma Michel Foucault, “Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional pode adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver [...] sem uma *askesis*” (FOUCAULT, 2009, p. 132), ou seja, é preciso passar por mudanças para que se aprenda a viver. Lima Barreto buscou esse aprendizado de vida em seus desafios, isso significa dizer que ele lutou, questionou e jamais se curvou às injustiças e às indiferenças.

Para Foucault, a escrita autobiográfica, a que ele chama “escrita de si”, é uma complementariedade ao processo de autoconhecimento, além do mais, “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (FOUCAULT, 2009, p. 130), nesses termos, além de possibilitar o registro de impressões vistas e/ou vividas, o exercício da escrita exerce o papel de um companheiro nos momentos de solidão e isolamento, haja vista que toda escrita pressupõe um leitor, ainda que este leitor seja o próprio autor.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” [...]. Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de acção racional.

Em contrapartida, porém, o escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recordação das coisas ditas. (FOUCAULT, 2009, p. 143)

Desse modo, a escrita autobiográfica possibilita ao autor escrever seu ponto de vista acerca dos fatos, de modo livre, sem que tenha que se preocupar com o descontentamento do leitor. A coerência dos fatos narrados nos diários, por exemplo, está no próprio autor que, por sua vez constitui-se com e no processo da escrita. É durante o processo de registro que o autor se reconhece, autoavalia-se e, conseqüentemente, constitui sua identidade. Assim, a escrita autobiográfica, de cunho intimista, tal como o diário e as memórias, é capaz de complementar os exercícios de autoconhecimento do autor, de modo espontâneo ou motivado por estímulos externos, sem uma intenção direta a que a autorreflexão ocorra, pelo registro de sentimentos cuja origem é desconhecida ou mesmo pelo registro de angústias geradas por ocasiões conhecidas.

### O desvendar da narrativa nos diários barretianos

O *Diário Íntimo* e o *Diário do Hospício* podem, com riqueza, ilustrar as características da escrita autobiográfica, desde seu processo de escrita aos aspectos do gênero textual. O isolamento, o retiro, condição para a escrita, é muitas vezes buscado por Lima Barreto, os motivos para esta escrita são diversos, mas, necessariamente, passam por um desconforto do autor em estar no mundo, vistas às injustiças em que passava ou presenciava.

Dando especial atenção ao *Diário Íntimo*, no primeiro momento, em diversos trechos há, por exemplo, as marcas da condição do negro no Brasil como motivação para o debate e para a reflexão, expressando sempre sua indignação. Porém, o fato de ser negro não o incomodava, mas sim o tratamento que os negros recebiam no Rio de Janeiro do início do século XX. No registro do dia 10 de janeiro de 1905, por exemplo, Lima Barreto contou o episódio ocorrido com o Major Vital. Este, “pretinho, fulá, magrinho, de crânio deprimido, olhos quase à superfície da fisionomia, pele de sapato velho que nunca foi engraxado”, obteve honras militares na guerra do Paraguai e, por isso, usava farda de major honorário. Ocorre que em certo dia, apareceu em Pernambuco um homem, de igual nome e que também tinha estado à serviço da campanha no Paraguai, porém, este último, era de pele branca. Visto esse episódio, o major negro, quase que instantaneamente, perdeu suas

honorarias tendo, como consequência, sido despedido do Arsenal de Guerra, excluído do asilo, por fim, ficando na miséria.

Esse não foi um caso isolado, no mesmo registro, Lima Barreto dá conta de outro episódio envolvendo um homem negro. Tratava-se de Hemetério, este teve sua nomeação como professor para o Colégio Militar parada na gaveta de Lauro Sodré que, mesmo mediante as diversas solicitações para que fosse expedida, sempre respondia que o tal professor deveria esperar. Depois de relatar esses dois episódios, vem a crítica do autor, com tom sarcástico e ácido: “É singular que, fazendo eles [negros] a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro. / É singular essa República” (BARRETO, s.d., p. 73).

Nesses relatos registrados no diário de Lima Barreto, fica clara a empatia do autor com a situação narrada, afinal ele se coloca no lugar daquele que foi menosprezado mediante sua condição de raça. Assim como já afirmamos em estudos anteriores, “o indivíduo somente estará próximo de completar seu autoconhecimento quando for capaz de se conhecer e se reconhecer no outro, na sua alteridade” (SOUSA, p. 62), logo, neste processo há um regime de empatia, ou seja, há no olhar do autor a postura de quem possui a capacidade de reconhecer-se no outro, entendendo os dilemas em que o outro se encontra e, indo além, nesse sentido, os indivíduos sentem, coloca-se no lugar, uns dos outros, como se, de fato, estivessem vivendo o momento narrado.

Desta feita, além do processo empático, o próprio Lima Barreto também teve que passar por diversas situações de racismo, em uma delas diz

La eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Porque (*sic*) então essa gente continua a me querer contínuo, porque? (*sic*)

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto...  
(BARRETO, s.d., DIÁRIO, 26/12/ 1904)

Nesse fragmento, Barreto expressa sua indignação ao não ser reconhecido como um funcionário concursado da Secretaria de Guerra e, mais que isso, demonstra sua insatisfação por ser rebaixado a contínuo. O autor ainda ironiza ao se referir ao professor Broca que havia dito que a educação deixa a pessoa bela, ou seja, o que afirma é que estudou, portanto deveria ser belo, diferente e jamais ser confundido com um contínuo. O sarcasmo vem logo em seguida, afinal, como conclui o autor, “Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande” (BARRETO, s.d., DIÁRIO, 26/12/1904).

A indiferença, ou pior, o rebaixamento vivido por Lima Barreto deixava-o indignado, sentimento que se agravava frente ao sofrimento passado por seus convivas de origem negra e marginalizados, por isso cultivava um projeto no qual pudesse escrever uma literatura militante.

Em 12 de janeiro de 1905 escreveu em seu *Diário*:

[...] registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão. (BARRETO, s.d., DIÁRIO, 12/01/1905).

Sonhava ganhar fama internacional com esse livro, por outro lado temia o rebaixamento que a obra poderia vir a sofrer, acreditava que a crítica o classificaria como “negrismo, um novo indianismo”, talvez por isso acabou não escrevendo essa obra que idealizou.

Lima Barreto apresentava-se sempre em entre as chaves tríade de resistência, tentativas e fracassos, “Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada”, dizia em 20 de abril de 1914; esta angústia se expressava na ânsia por mudança, “O que me aborrece mais na vida é esta secretaria (da Guerra) [...] onde me sinto deslocado e em contradição com a

minha consciência. / Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia”; acompanhada pela falta de reconhecimento, afinal, “para os jornais daqui estou incompatível” (BARRETO, s.d., DIÁRIO, 20/04/1914). O processo de autoconhecimento de Lima Barreto expresso em seu *Diário Íntimo* é doloroso, e o que intensifica essa dor é saber que nada mudaria significativamente.

É importante notar, vista a sua importância aos estudos de diários, que Lima Barreto, aparentemente, não tinha a intenção de publicar seu *Diário íntimo*, os manuscritos foram encontrados vinte anos depois da morte do autor e reunido por Francisco Assis Barbosa. Deste modo, fica mais evidente o caráter espontâneo na escrita do autor, valorizando ainda mais o gênero, já que este constitui-se a partir de uma escrita momentânea sem que o autor tenha voltado, necessariamente, a ela e feito alterações posteriores. Segundo Philippe Lejeune:

Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia. (LEJEUNE, 2008, p. 260)

Essas considerações são adequadas aos *Diários* de Lima Barreto, pois ainda que o *Diário do Hospício* tivesse uma intenção declarada de ser publicado, dando origem ao *O Cemitério dos Vivos*, ele não era um produto em si, mas um meio para a escrita de outra obra. Tanto que, como se sabe, o diário que Lima Barreto escreveu no hospício, na verdade eram anotações que ele havia feito em 79 tiras de papel, em forma de rascunho, escritos à lápis e que, como declarou em entrevista ao jornal *A Folha*, em 31 de janeiro de 1920, ele tinha a intenção de utilizar-se dessas anotações para escrever um livro “sobre a vida interna dos hospitais de loucos” (BARRETO, 2010, p. 295).

Voltando às marcas da subjetividade presentes nos diários de Lima Barreto, em *Diário do Hospício* descreve seu desnudamento diante do outro no hospício. É no espaço isolado da sociedade que o autor se vê em completa situação de vulnerabilidade frente a uma relação de poder e submissão.

Essa relação de poder se estabelece já na entrada do paciente no hospício, afinal “Tiram-nos a roupa a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão” (BARRETO, 2010, p. 43). O despojar da roupa imprime uma metáfora do dar-se a conhecer que, neste caso, desenvolve-se como um processo violento, como uma espécie de estupro ao ser; ao paciente eram-lhes tiradas as roupas, sua nudez tornava-se conhecida sem que ele tivesse dado a permissão para isso. É importante notar que essa ação era a primeira a ser tomada por ocasião do ingresso do paciente ao hospício.

De fato, é no século XIX que a medicina e também a jurisprudência começaram seus estudos da “alma”. Esses estudos buscavam justificativas para os comportamentos anormais e todas as anomalias associadas ao sujeito. Desse modo, tanto para efeitos jurídicos quanto para diagnósticos médicos, mais especificamente aos associados à loucura, as paixões, aos impulsos, aos desejos e às influências sociais em que o contexto pudesse exercer sobre o criminoso e/ou paciente passam a ser de grande relevância (Cf. FOUCAULT, 2007, p. 20). Muitos desses estudos são refletidos no tratamento recebido por Lima Barreto.

Depois de quase uma semana como interno e já tendo passado pela experiência de ter sido internado em 1914, nos registros de 29 de dezembro de 1919 a 4 de janeiro de 1920, Lima Barreto, compreendendo melhor o sistema do hospital psiquiátrico, não mais permite ser conhecido pelo alienista, Antônio Austregésilo, da mesma forma que foi no momento de sua internação:

De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. (BARRETO, 2010, p. 44).

À parte isso, no *Diário do Hospício*, muitas denúncias são apresentadas. Não às instalações do prédio, mas ao tratamento humano oferecido aos pacientes. O prédio era bem construído e com bons cuidados higiênicos, quanto aos médicos, estes mal olhavam para os pacientes durante as consultas, denuncia: “Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Adatao. Tratou-me ele com indiferença,

fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua” (BARRETO, 2010, p. 44). Referindo-se a Henrique de Brito Belford Roxo, conhecido e respeitado médico psiquiatra que, nem por isso, o faz mais humano no tratamento aos pacientes, ele “Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza” humana (BARRETO, 2010, p. 47), não havia neste tipo de atendimento médico aspectos de empatia entre médico e paciente, uma cada paciente era apenas mais um a ser assistido. Excetuando alguns funcionários, os guardas e outros funcionários também não costumavam oferecer bom tratar aos pacientes, evitavam conversar e eram-lhes indiferentes (BARRETO, 2010, p. 45; 47), ainda que naquele mesmo espaço fechado convivessem pacientes das mais diversas classes sociais:

Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (BARRETO, 2010, p. 48)

Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. (BARRETO, 2010, p. 67)

Lima Barreto, inclusive, chega a afirmar que encontrou interno o poeta Dantas Lessa, que seria amigo do jornalista Júlio Tapajós, e que teria criado um próspero Colégio em Vila Isabel vindo a ser o motivo de sua loucura.

Porém, diante de tanta desumanidade denunciada no *Diário do Hospício*, Lima Barreto encontrou espaços para registrar pontos positivos. Houve um médico capaz de mostrar-lhe que o amor ao ofício da profissão estava acima de qualquer mágoa ou vingança, justamente aquele que tinha sido ridicularizado pelos companheiros de Lima na época de estudos é o que melhor o tratava:

Nos nossos jornalecos traçamo-lo muito. Eu, porém, não me lembro de qualquer pilhéria a seu respeito feita por mim. Ele me tratou muito bem, auscultou-me, disse-lhe tudo o que sabia das consequências do meu alcoolismo e eu saí do exame muito satisfeito por ter

visto no moço uma boa criatura que não guardava rancor das troças que ele podia atribuir a mim. (BARRETO, 2010, p. 57)

Havia também o Dias, inspetor que dava a vida àquele lugar, mal convivia com a família, dedicando-se aos loucos (cf. BARRETO, 2010, p. 54), de modo a ser admirado pelo escritor que diz:

Ouvir durante o dia e a noite toda sorte de disparates, receber as reclamações mais desarrazoadas e infantis, adivinhar as manhas, os seus *trucs* e dissimulações – tudo isto e mais o que se pode facilmente adivinhar, transforma a vida desses guardas, enfermeiros, num verdadeiro sacerdócio. (BARRETO, 2010, p. 54)

Diante de tantos impropérios, Lima Barreto consegue contribuir com sua própria recuperação, encontra na escrita e no silêncio meios de sobrevivência e manutenção da memória.

De fato, é sabido que o recurso da memória como auxílio ao tratamento psiquiátrico já era conhecido desde as pesquisas de Sigmund Freud (1999), porém o ato de rememorar proposto pelo pesquisador baseava-se na eficácia e na adequação da clínica, cuja base estaria na relação médico-paciente, segundo ele “estes doentes não seriam curados por medicamentos, mas pelo médico, ou seja, pela personalidade do médico na medida em que, através dela, ele exerce sua influência” (FREUD, 1999, p. 15-16). Por outro lado, dialogando com Freud, Michel Foucault (2008), em *O Poder Psiquiátrico*, retoma essa estratégia identificando-a como um processo de “reeducação” que visaria à reconstrução da autonomia do paciente, resultado da internacionalização de práticas e de procedimentos disciplinares apoiados na transformação do médico como modelo ideal (SAFATLE, 2010, p. 41).

Outro caminho apresentado por Foucault estaria na escrita, visto que, segundo ele, o papel da escrita é *constituir* a própria identidade de quem escreve, mediante a reações das coisas ditas (Cf. FOUCAULT, 2009). Isso porque, mesmo escritores que procuram conscientizar-se dos mecanismos da codificação artística, a atualização do texto escapa do controle, ou seja, “eles dizem muito mais e – o que é importante – diferente do pretendemos dizer”, afirma Benjamin Abdala Junior (Cf. ABDALA Jr., 2007, 64-65).

Nesses termos, Lima Barreto, como que gritando por socorro, acredita que a literatura pode ser o caminho para sua recuperação, “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela” (BARRETO, 2010, p. 46). Em outros termos, sair do exercício da escrita da mesma forma que nele ingressou, seria algo impossível, alguma mudança certamente iria ocorrer, ainda que fosse a morte.

Já o silêncio vai se revelando como um remédio amargo, porém necessário:

Raro é o seu hóspede com quem se pode travar uma palestra sem jogar o disparate. Ressinto-me muito disto, pois gosto de conversar e pilheriar; e sei conversar com toda a gente, mas, com esses que deliram, [...] outros que interpretam as nossas palavras de modo inesperado e hostil, o melhor é calar-se, pouco dizer, mergulhar na leitura, no cigarro, que é a paixão, a mania de todos nós, internados, e o possuí-los em abundância é um perigo que se corre e só pode ser evitado pela astúcia ou pela energia. (BARRETO, 2010, p. 58-59)

Tanto o silêncio quanto a Literatura são aliados no processo de autoavaliação e criação do autor, são eles que ajudam a esclarecer pontos em desacordo no autoconhecimento. Nesse caso, Lima Barreto mostra ter consciência das causas de sua loucura, apenas não sabe o que fazer para diminuir ou sanar o dano:

[O médico] polidamente, deu-me conselhos para reagir contra o meu vício. Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro. (BARRETO, 2010, p. 57-58)

O grande desafio de passar pelo caminho do autoconhecimento, do estágio de enganoso para o de desengano, Lima Barreto demonstra ter percorrido: “Digo com franqueza, cem anos que viva eu, nunca poderão apagar-me da minha memória essas humilhações que sofri” (BARRETO, 2010, p. 82). Processo doloroso e necessário, mas que trouxe,

junto a ele, os alertas e críticas à organização hospitalar e ao tratamento dos loucos no hospício.

### **À guisa de conclusão**

De fato, a escrita de si costuma apresentar elementos narcísicos nos quais o autor voltado para si no processo de reflexão e escrita, busca expurgar suas dores, seus conflitos a procura de respostas pessoais ou apenas como exercícios a fim de livrar-se, simbolicamente, do peso que, por ventura, estivesse carregando com seus problemas pessoais. No caso de Lima Barreto, o gênero literário ultrapassa as barreiras narcísicas, seu eu é apresentado, discutido, e suas angústias registradas, porém não para por aqui, sua escrita engajada não deixa de registrar as injustiças cometidas contra seus contemporâneos. Ao fazer denúncias, documenta aos leitores vindouros os aspectos da sociedade do início do século XX. Lima Barreto, comprometido e insatisfeito com seu tempo, denuncia uma sociedade preocupada apenas com aparência externa, assim como a falta de humanidade no tratamento aos pacientes do hospital psiquiátrico.

Desse modo, mais que um simples registro de cabeceira, os diários barretianos contribuem para uma melhor compreensão do próprio Lima Barreto cidadão, afrodescendente do início do século XX. Seus textos mostram seu autoconhecimento e criticidade, mas também apresentam um Rio de Janeiro deficiente e herdeiro dos preconceitos do período escravocrata. Estes diários apresentam, inclusive, denúncias ao sistema hospitalar psiquiátrico que ainda carecia de tratamento mais humanitário, contrapondo-se aos estudos e pesquisas vigentes na época que propunham novos e melhores meios para a recuperação de pacientes.

### **THE DIARIES SAY MORE THAN THEY PRETEND TO SAY: LIMA BARRETO'S CASE**

**ABSTRACT:** More than a simple bedside record, the Barretian diaries contribute to a better understanding of the author Lima Barreto, an Afrodescendant citizen of the early 20th century. In his diaries, it is possible to follow his process of self-knowledge, but he introduces us a deficient Rio de Janeiro with its prejudices that came from of the slave-owning period. Thus, the objective of this

study is to analyze how the autobiographical writing of Lima Barreto can contribute to the process of self-knowledge of the author and, in addition, to identify the contributions of these writings to the understanding of latent issues in the early twentieth century, such as racism, prejudice and power relations.

**KEYWORDS:** Diary; Lima Barreto; Self-knowledge; Afro-Brazilian; Racism.

## REFERÊNCIAS

ABDALA Jr., Benjamin. *Literatura, história e política*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício e o cemitério dos vivos*. Org. Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo (1903 - 1921)*. Fundação Biblioteca Nacional. EBook. s.d.

\_\_\_\_\_. Uma entrevista. In: \_\_\_\_\_. *Diário do hospício e o cemitério dos vivos*. Org. Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010., p. 294-297.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In: FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* 7ª ed. Lisboa: Nova Veja, 2009.

\_\_\_\_\_. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 34. ed. RJ: Vozes, 2007.

FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Frankfurt: Fisher, 1999.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. Sobre o ato de lembrar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à lembrança. In: GALLE, Helmut. SCHIMIDT, Rainer. *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. *A mimese da escrita intimista nas narrativas autodiagnósticas de Eça de Queirós*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

Recebido em: 25/04/2019.

Aprovado em: 27/06/2019.